

DIÁRIO
DE **FERNÃO**
DE **MAGALHÃES**

JOSÉ MANUEL NÚÑEZ DE LA FUENTE

DIÁRIO
DE **FERNÃO**
DE **MAGALHÃES**

O HOMEM
QUE TUDO VIU
E ANDOU

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

Prefácio

Habitamos um mundo localizado num lugar remoto de um Universo infinito de infinitos universos, cuja estrutura e dimensão escapam à lógica científica e até à mais viva imaginação. Mesmo assim, no limiar da ousadia, nós, seres humanos, empenhamo-nos em ir por aí fora e procurar nas estrelas o sentido daquilo que somos e de tudo o que nos rodeia. Com a ajuda de radiotelescópios enormes e de sofisticadas sondas de exploração espacial podemos ver e examinar lugares muito distantes do Universo conhecido, que representam tão-só uma pequena parte do que puramente intuímos, mas queremos saber mais e é a isso que nos agarramos sem entender muito bem o motivo. Como igualmente o desconheciam todos aqueles navegantes e exploradores dos mais variados tempos e lugares que se empenharam em descobrir e assinalar nos mapas cada recanto do nosso planeta, um mundo que de início era plano e criado por diferentes deuses, em conformidade com os credos, e depois esférico e povoado por uma variedade imensa de animais, gentes e culturas, na sequência da viagem épica de Magalhães para chegar às especiarias. Celebra-se em 2019 o quinto centenário da primeira volta ao mundo, efeméride que por casualidade coincide com o quinquentenário da chegada do Homem à Lua, dois acontecimentos que tiveram uma enorme transcendência no devir da ciência e da própria História da Humanidade, pois se no primeiro caso o navegador Magalhães definiu, pela primeira vez, limites ao mundo e ao seu contorno esférico, no segundo caso o astronauta Armstrong conseguiu, igualmente pela primeira vez, sair do nosso lar planetário, a Terra, para pisar ele próprio a superfície de um corpo celeste no exterior.

Este livro, que foi publicado no âmbito da comemoração do Quinto Centenário da extraordinária façanha de Fernão de Magalhães, pretende exatamente render uma merecida homenagem a uma época sem igual, uma etapa histórica, a de finais do século xv e princípios do século xvi, na qual se valorizou o conhecimento e os avanços científicos da náutica e da astronomia, bem como a vontade e a mestria do indivíduo, enquanto elementos impulsionadores dos maiores desafios tendentes à evolução do ser humano e da sociedade no seu conjunto. Magalhães emergiu entre a Idade Média e o Renascimento como um novo Prometeu que soube vencer as reticências e reservas de uma mentalidade ainda receosa para lograr atingir objetivos nunca antes alcançados. Sendo assim, o maior interesse que pode vir a despertar este livro em forma de diário prende-se precisamente com o facto de estar escrito na primeira pessoa, ou seja, pelo punho do seu principal protagonista, Magalhães, um cavaleiro português que se tornou o primeiro homem a dar a volta ao mundo e que soube colocá-lo ao alcance de toda a Humanidade.

Louvores a Magalhães e à primeira volta ao mundo

STEFAN ZWEIG, 1938

Entre todas as figuras e todas as rotas, a minha admiração vira-se para os feitos do homem que, no meu sentir, alcançou o mais extraordinário na história das descobertas geográficas: Fernão de Magalhães. A sua navegação é talvez a maior odisseia na História da Humanidade, sendo verdade que, ao decidir escrevê-la atento aos documentos fidedignos ao meu dispor, tinha a sensação de estar a contar algo inventado, uma daquelas lendas sagradas da Humanidade, pois nada é mais excelente que uma verdade que parece inverosímil!

JOSÉ MARIA LATINO COELHO, 1856

O drama glorioso dos descobrimentos transatlânticos tem uma personagem eminente e Portugal um nome venerado pela civilização moderna. Um desses fervorosos empreendedores que fizeram da espada e da nave os mais poderosos instrumentos do progresso. Fernão de Magalhães pagou-nos generosamente o desamor e a afronta de nos renegar, é certo que servia Castela quando circum-navegava o Globo, mas o nome de Magalhães ficou sempre português e a glória das suas navegações será perpetuamente glória também de Portugal.

LÓPEZ DE GÓMARA, 1552

A nave Argo de Jasão que puseram nas estrelas navegou mui pouco em comparação com a nau Victoria, a qual se deveria guardar nos Arsenais de Sevilha para memória.

P. PABLO PASTELLS, 1920

Magalhães pode ser considerado um dos mais intrépidos navegantes da História. A sua obra gigantesca permanecerá nos anais do passado entre as grandes audácias do espírito humano.

MAXIMILIANO TRANSILVANO, 1522

São por certo estes dezoito marinheiros que com esta nau aportaram a Sevilha mais dignos de ser postos em imortal memória do que aqueles Argonautas que com Jasão navegaram e foram à Cólquida, que os antigos poetas tanto celebram.

HEZEKIAH BUTTERWORTH, 1899

Magalhães revela-nos um carácter muito na vanguarda da sua época; um homem autêntico e desinteressado, inundado pela enorme paixão das descobertas, procurando sempre o bem-estar da Humanidade e a glória da cruz em lugar da riqueza e da fama. As vicissitudes da sua vida não apenas foram nobres, como se imbuem do espírito da cavalaria.

MARTÍN FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, 1837

Foi esta a empresa de Fernão de Magalhães, cavaleiro português cuja ousadia e grande constância em inquirir este segredo e não menos feliz sucesso ao achá-lo, com eterna memória pôs nome ao estreito que com razão se chama Magalhães pelo seu inventor.

GONZALO FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535

O caminho que fez esta nau foi a maior e mais nova coisa que desde que Deus criou o primeiro homem e compôs o mundo até ao nosso tempo se viu e não se ouviu nem escreveu coisa mais de notar em todas as navegações depois daquela do patriarca Noé, e nem aquela nau ou arca navegou tanto como esta. Coisa

em verdade que não se sabe nem está escrita nem vista outra semelhante nem tão famosa no mundo.

ALONSO DE ERCILLA, 1578

*E estes dois largos mares que querem,
ao passar os seus confins, juntar-se,
as rochas batem e as suas ondas tendem
mas é-lhes impedido ligar-se;
enfim por esta parte a terra fendem
E podem por aqui comunicar-se:
Magalhães, senhor, foi o primeiro homem
que, ao abrir este caminho, lhe deu nome.*

JUAN BAUTISTA RAMUSIO, 1555

A viagem feita pelos espanhóis no espaço de três anos ao redor do mundo é uma das coisas maiores e mais maravilhosas executadas no nosso tempo e ainda das empresas que sabemos dos antigos, porque esta excede sobremaneira todas aquelas que até agora conhecemos.

FREI LUÍS DE LEÓN, 1577

Nada se pode encontrar mais admirável na navegação, porque abriram o caminho para encontrar o novo orbe. Partindo de Sevilha, da Andaluzia de Espanha, não longe da nobilíssima cidade de Cádiz e do estreito de Gibraltar, rumaram para poente, dali dobraram para sul e através do mar antártico dirigiram-se para oriente. Seguiram navegando pelo mar imenso até voltar ao ponto de partida. Os espanhóis tinham dado a volta a toda a Terra.

LORDE STANLEY OF ALDERLEY, 1874

Embora a empresa de Magalhães seja reconhecida como a maior jamais tentada por qualquer navegante, contudo, ele

foi privado da sua devida fama pelas invejas que sempre houve entre os dois povos que habitam a Península, pois os espanhóis não toleraram ser mandados por um português e os portugueses ainda não perdoaram a Magalhães tê-los abandonado para servir Castela.

ADAM SMITH, 1776

Os dois factos mais importantes para a economia do mundo foram gestas marinhas: dobrar o cabo da Boa Esperança e cruzar o estreito de Magalhães e o Pacífico para alcançar as Molucas. Nas mãos dos portugueses e dos espanhóis esteve a fronteira do conhecimento e foram eles que ensinaram a navegação em alto-mar aos demais.

Ao leitor

Não obstante confessar eu o mau apresto que o meu rude engenho teve para tão árdua empresa e a pobreza de estilo para saber explicar tantas e tão peregrinas histórias, tão ao sabor e com tão apropriado gosto como estas diversidades históricas requerem, nem por isso deixarei de dizer o que souber.

GONZALO FERNÁNDEZ DE OVIEDO

Tome o leitor como minhas estas palavras de Oviedo, pois embora lancem luz sobre o talento que o soldado cronista das Índias pretende ocultar e façam mérito da sua escassa vaidade, no meu caso devem ser tidas por certas, esperando a generosa indulgência de quem pacientemente segure as páginas deste livro, não tanto pelo prazer de ler aquilo que o meu torpe engenho gerou, senão por quanta verdade se diz nele.

Para uma melhor leitura e compreensão do Diário de Magalhães, o livro foi dividido em três partes: a primeira, de carácter introdutório, propõe o quadro geopolítico e sociocultural da época, assim como um amplo fresco sobre a vida e a obra de Magalhães, tudo a partir de uma perspectiva puramente historiográfica. A segunda corresponde ao diário propriamente dito, e como tal deve ser interpretado, ou seja, um documento autobiográfico que descreve as aventuras e desventuras do navegante português até pouco antes da sua morte. E, por último, uma terceira parte dedicada ao remate de todas as pontas soltas deixadas pelo Diário após a morte do seu autor nas Filipinas, além da descrição da batalha de Mactan, onde Magalhães combate e morre, e do destino das

naus e dos protagonistas da epopeia. A título de apêndice, o livro inclui um registo documental selecionado, fielmente transcrito dos originais, acerca do material existente em arquivos e bibliotecas de todo o mundo: clausulados, cartas de relação, cédulas reais, disposições testamentárias, cartas privadas, autos judiciais e registos detalhados sobre a tripulação, como também sobre as cargas e os custos das naus. Um material valioso, sem dúvida, que proporcionará a *veritas veritatis* nas questões complexas e espinhosas desta grande história.